

O maior partido do Brasil

Quase dois mil anos se passaram desde que Cristo ordenou ao seu apóstolo primeiro: "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja". Militante e viva onde haja uma alma a quem levar a mensagem do Evangelho, a Igreja não superou, tantos séculos depois, o tormentoso dilema de suas relações com o poder. E, por ser ela própria um poder real em países de graves carências sociais, sua mensagem acaba mesclando eternidade e presente. Que esse presente cheio de dificuldades ocupe as preocupações dos religiosos é natural, mas que eles assumam o papel de cabos eleitorais em campanha é discutível.

"Alguns padres usam a retórica de que o povo decide, mas quem decide é o padre", define o brasileiro Scott Mainwaring, a propósito da excêntrica conjuntura vivida pela Igreja brasileira, nestes tempos eleitorais.

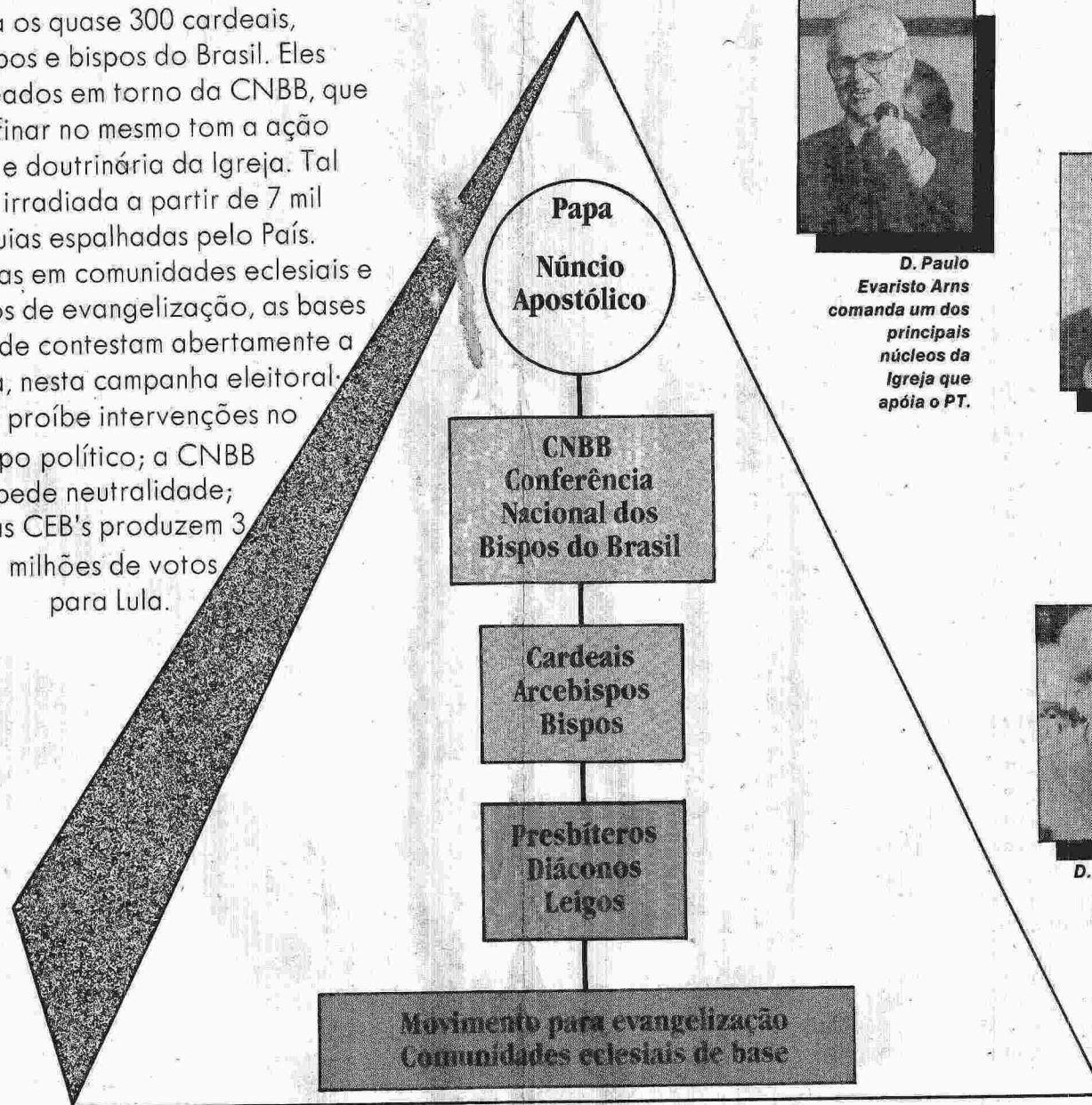
Em repetidos pronunciamentos, o Papa João Paulo II tem exorado a intervenção de seus subordinados nas chamadas questões sociais e políticas. Um de seus assessores principais, o cardeal Josef Ratzinger, da Congregação para a Doutrina da Fé, qualificou de "desconcertante" a atuação de bispos e padres brasileiros na atual campanha presidencial. Semana passada, em Roma, Ratzinger confessou a uma platéia de jornalistas estrangeiros: "Talvez fosse melhor que os bispos brasileiros, que têm problemas tão difíceis para enfrentar, procurassem uma maneira de não transparecer dissonância entre eles. Sinceramente, não tenho elementos para julgar uma situação tão complexa como a do Brasil".

A Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, reiterou prudência e neutralidade a todos os missionários, na sua qualidade de órgão autorizado para decretar normas de ação pastoral.

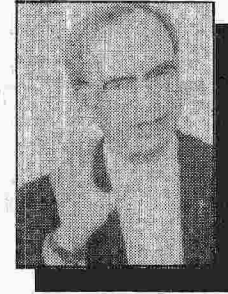
No entanto, comprovando que a estrutura de pirâmide se decompôs no tempo e no espaço, as bases da Igreja — a partir do trabalho de sacerdotes e leigos envolvidos nas eficazes comunidades eclesiais de base — mergulharam na campanha de Lula. A bem distribuída votação do candidato petista nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste reflete a ação dessa militância que preencheu os vazios não cobertos pela estrutura partidária do PT. O bispo José Rodrigues de Souza, de Juazeiro, Bahia, exaltava ontem o triunfo de Lula em sua cidade: "Ele venceu Collor por 1.200 votos. Ganhou também em Sobradinho e Campo Alegre de Lourdes, da mesma diocese. Mas o mais importante foi sua vitória em Casanova, antigo curral da oligarquia de Luís Viana Filho: Lula ganhou de Collor por 740 votos de diferença".

Instalada em quase 7 mil paróquias por todo o País, a Igreja tem peso e influência decisivos quando é chamada a opinar. O padre Ticão, de ruidosa militância em Ermelino Matarazzo, na zona leste da Capital, não se cansa de repetir a seus fiéis: "Na luta por uma qualidade melhor de vida, o programa mais adequado é o do PT". Líder de sem-terra e sem-terto, o padre Ticão nega que haja uma articulação organizada na Igreja para apoiar a candidatura

Ao Papa João Paulo II devem obediência direta os quase 300 cardeais, arcebispos e bispos do Brasil. Eles estão nucleados em torno da CNBB, que busca afinar no mesmo tom a ação pastoral e doutrinária da Igreja. Tal ação é irradiada a partir de 7 mil paróquias espalhadas pelo País. Organizadas em comunidades eclesiais e movimentos de evangelização, as bases da pirâmide contestam abertamente a estrutura, nesta campanha eleitoral: o Papa proíbe intervenções no campo político; a CNBB pede neutralidade; as CEB's produzem 3 milhões de votos para Lula.



D. Paulo Evaristo Arns comanda um dos principais núcleos da Igreja que apóia o PT.



D. Luciano e toda a cúpula da CNBB queriam ver Mário Covas no segundo turno.



D. Mauro Morelli não esconde o apoio que dá ao PT. É um dos mais engajados na campanha.

de Lula. Mas admite que o proselitismo funciona e produz efeitos óbvios:

— Os pontos que mais interessam às diversas dioceses são, praticamente, os mesmos em todo o Brasil. Não houve acordo prévio para se apoiar este ou aquele candidato: a semelhança com o programa do PT serviu de ligação.

As ligações espocaram, em todo caso, organicamente. Em Lages, SC, o boletim trimestral da Pastoral das Mulheres Marginalizadas analisou todos os candidatos ao primeiro turno e só poupou Lula de críticas. Em Recife, um enorme painel (veja reportagem na página ao lado) provoca o fiel a optar por Lula. Em Rio Branco, Acre, o padre da igreja matriz encerra a missa dominical com fervoroso discurso pró-Lula. Dom Mauro Morelli, que apareceu no programa de televisão do PT, proclama: "Este país está em estado de guerra. Na calçada de minha diocese, de Caxias, pelo menos dez pessoas já morreram assassinadas neste ano. Para quem sofre este tipo de pressão, qualquer outra coisa é mais fácil de suportar".

Há perplexidade e mal-estar no meio episcopal, quando analisa o racha verificado nestas eleições. Na verdade, esse racha começou muito antes, e não irá terminar tão cedo. Na mesma entrevista em que dom Ivo Lorscheiter criticou abertamente o PT, acusando-o de abrigar mais intelectuais que trabalhadores, dom Moacyr Grecchi, bispo de Rio Branco, lançava farpas contra Collor, associando sua candidatura com "o passado".